

Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória

Instituição responsável: Nota Musical Comunicação

www.quilombosdojequitinhonha.com.br

Entrevistada: Vicencia de Souza Oliveira

**Comunidade de Capim Puba, município de Virgem da Lapa, Vale do
Jequitinhonha, Minas Gerais**

Junho, 2014

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. Nossa Senhora do Rosário, sua casa cheira / cheira cravo e rosa / flor da laranjeira – Entrevista de Vicencia de Souza Oliveira. *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

Nossa Senhora do Rosário, sua casa cheira / cheira cravo e rosa / flor da laranjeira

Crescida no batuque, plantando capim e semente de algodão, dona Vicência se interessou pelas danças desde os dez anos de idade. Lembra das histórias de escravos que sua mãe e vó contavam. “Tinha um lugar onde nós morávamos que era um monte de pedras. Eram dos escravos que tiravam ouro e ia acumulando aquilo tudo. A gente ia lá e minha mãe contava histórias de quando começou as congadas, do povo da África.” Ela mesma tirou ouro que vendia para comprar roupa e comida. Mas trabalhavam cantando. “A gente trabalhava cantando para tirar ouro ou fiar na roda, para fazer cobertor, roupa de vestir. Usava era roupa de algodão.” O grupo do qual participa chama-se Batuque sem Preconceito e possui cerca de dez integrantes, todas mulheres. Além da celebração do Rosário, se apresentam sempre que são chamadas em festas ou outras manifestações religiosas.

A senhora tem casa em Capim Puba, quantos dias a senhora fica lá?

Eu fico três dias, no final de semana. Por causa das crianças na escola eu não posso ficar muitos dias por lá.

Mas qual a maior dificuldade para viver lá?

Eu sou só, sou viúva. Se fosse para eu ficar junto com as crianças lá, eu ficava, mas as crianças não podem, porque estudam.

Fora as crianças estudarem, a senhora tem alguma outra dificuldade para ficar na comunidade?

Sim, porque eu tenho vontade de fazer roça, e não posso. Até tem um mato bom para fazer, mas eu não tenho quem me ajuda. A gente não está podendo roçar para não fazer queimada. E também não acho outra pessoa para me ajudar a fazer, porque eu só mexo com as “beirinhas”.

E água?

Água tem, lá tem o poço artesiano, só que não é todo dia que tem água para nós. É muita gente que precisa da água. Às vezes eles ligam para uma parte, para um canto, depois liga para outra parte, para nós. São umas três comunidades que usam daquela água, um poço só.

A senhora é batuqueira, certo, desde quando?

Acho que desde uns dez anos de idade.

E como foi que a senhora virou batuqueira?

Porque na nossa comunidade, de vez em quando, a gente fazia festinha. E os meninos cantavam, a gente batucava, nós também cantávamos. E tinha um grupo que ensinava a gente, uns moços de Araçuaí. Fomos aprendendo, e agora na festa do Rosário nós somos batuqueiras mesmo. Chama “Batuque sem Preconceito”.

Vocês chamam de batuque, mas alguns chamam de congada, qual é a diferença?

Não tem diferença. Eu lembro que minha avó contava histórias do tempo dos escravos. Tinha um lugar onde nós morávamos, lá pertinho, que tinha um monte de pedras. Era dos escravos que tiravam ouro e ia acumulando aquele monte de pedras. A gente ia lá e minha mãe contava história sobre eles, de quando começou as congadas, do povo da África. Coisas do tempo da escravidão.

Que mais a senhora lembra dessa época, que sua mãe contava?

Eu lembro que a gente sofria muito, nós tirávamos ouro pouquinho, para se viver. Tinha vez que não tirava nem duas gramas. Tirava pouquinho, tirava dois décimos para gente sobreviver. Vendia para comprar comida e roupa.

E quando vocês tiravam ouro, vocês cantavam?

Cantava, a gente trabalhava cantando. Tirando ouro ou fiando na roda para fazer cobertor, roupa de vestir. Usava era roupa de algodão, tecia os panos e fazia roupa. Naquele tempo a gente sofria, mas o tempo era bom.

Tem alguma cantiga que a senhora ainda lembra?

Tem, mas agora eu não estou lembrando.

Se lembrar um pedacinho já vale.

Tinha uma de mulher rendeira. “Olê muié rendera / olê muié renda / tu me ensina a fazer renda / que eu te ensino a namorá”.

Dessas histórias que a sua mãe contava, de sua avó, dos escravos, que mais a senhora lembra que ela contava, como era a vida?

A vida era sofrida. A vida de minha mãe e de meus avós era muito sofrida. Contava a história toda. Quando a gente era criança, ainda me lembro de a gente ajudar ela para comer. Nós sofriamos, morávamos num deserto. Precisa só ver quando a gente ia trabalhar para os outros, plantando capim ou semente de algodão, tínhamos que amarrar uns panos nos pés para aguentar. Tinha muita ladeira para subir, e o sol esquentava muito. A gente sofria muito naquele tempo.

Quantos anos a senhora tinha?

Naquele tempo eu devia ter uns dez anos, porque eu comecei a trabalhar nova para ajudar a criar os mais novos.

O grupo de batuque, que a senhora começou a participar com dez anos, teve mudanças daquele tempo para hoje?

Teve mudanças. De primeiro a gente batucava, já tinha as roupas preparadas, uma saia rodadinha, curtinha. E hoje mudou, já são umas rouponas compridas. Mudou muita coisa.

Quantas pessoas tem o grupo de batuque daqui?

Acho que tem dez batuqueiros.

São só mulheres?

Só mulheres, mas tem uma hora do batuque que os homens entram no meio.

A senhora toca?

Eu não toco nada, de vez em quando eu toco pandeiro.

Dança?

Danço.

E quais as músicas, as cantigas que vocês mais apresentam no batuque?

Nós apresentamos mais essas que os tamborzeiros cantam. A gente já acostumou com as músicas do Rosário. Eles gostam mais de cantar essas, e então ajudamos eles.

A senhora pode dar o exemplo do nome de algumas músicas, dessas que vocês tocam no Rosário?

Posso. Tem uma música que fala assim: “encontrei Nossa Senhora, na beira do mar / com seu vestido branco e seu “apo” cor do mar / seu “apo” cor do mar, encontrei Nossa Senhora, vestida de branco e coroa de rosa”. Essa eu lembro, mas tem outra de Nossa Senhora do Rosário. “Nossa Senhora do Rosário, sua casa cheira / cheira cravo e rosa, olêlê / flor da laranjeira”.

As mulheres que estão no batuque são de várias comunidades ou só tem de uma?

Tem mulheres acho que de umas três comunidades.

Quais comunidades são?

Do Rosário, Ranô e Capim Puba.

São essas dez mulheres?

Tem aqui de Virgem da Lapa também, e da Onça também.

Vocês se apresentam em que momento, fora a festa do Rosário?

Tem vezes que tem algumas reuniões para nós, para gente não ficar esquecendo. A gente vem nas reuniões para ter um treinamento, e vai tocando para não esquecer.

Mas tem outras festas em comunidades que vocês vão?

Sim, quando fazem as festas nos chamam. Para a irmandade do Rosário, por exemplo, para apresentar com o tambor, e nós vamos como batuqueiras.

Então vocês estão ligadas à irmandade?

Sim.

Nos eventos que tem a irmandade vocês estão sempre tocando?

Sim.

A senhora tem filha, elas têm interesse em aprender o batuque?

Tenho. A que mais tinha interesse, Deus levou ano passado. Ela ficou grávida, e no dia que ganhou o nenê não escapou não, teve um problema. Ela tinha 15 anos, gostava do batuque.

E as outras filhas?

Não tem interesse não, elas não moram aqui. Só tem duas, e elas não tem interesse não.

Então, como a senhora acha que será daqui alguns anos, se não consegue passar para os mais jovens?

Eu acho que vai enfraquecendo, porque os mais novos não querem aprender. Mas tem muitas meninas novas que estão entrando. Tem um bocado que só vai quando os maiores vão para levar.

A senhora aprendeu com a sua mãe?

Não, minha mãe não batucava não.

Com quem a senhora aprendeu?

Eu aprendi no grupo mesmo, eu via formar o grupo e eu ajudava eles batucarem. Não sei muito bem, mas eu acompanhava eles.

A senhora falou de outras festas que o grupo é convidado, que tipo de festas, por exemplo?

Quando vai levantar o mastro, que tem uma “domingada”. Ou quando tem uma festa de aniversário, casamento, daí chama os tamborzeiros, e nós vamos acompanhar.

O que é a “domingada”?

Domingada é assim uma festa de dia 19, dia 3 de maio, dia 29. São dias de santo que eles chamam a irmandade do Rosário.

Esses dias que a senhora falou, são os dias de alguns santos?

Tem muitos que são dias de santo e outros não. Pode ser dia de aniversário, e também chamam. Dias de festas.